

Século XXI, o novo tempo da agroenergia renovável

Roberto Rodrigues *

*“Doce ou etílico,
o mel da cana brota,
sem abelhas...”
(autor desconhecido)*

RAFAEL NEDDERMEYER/AE



O ministro da Agricultura Roberto Rodrigues; Brasília, DF; 2004

Ensacado, engarrafado, jorrado das bombas de etanol ou gasolina, matéria-prima da indústria de alimentos, combustível ou da indústria química, a cana-de-açúcar é a fonte da, talvez, mais rica cadeia produtiva que se tem desenhada. Das fábricas de arados às de moendas, ao mesmo tempo, às formulações de insumos agrícolas e fermentos, o consumidor conversa nas cidades com vendedores de veículos movidos a álcool ou *gasohol* e abastece o seu em bombas verde-amarelas, de onde brota o combustível etanol. O doce da cana escorre das bocas das crianças e a sua energia arranca os sorrisos que movem o mundo. A cachaça aquece o peito e aguça a graça.

No país tropical, do sol, da brisa e da chuva torrencial, montou-se a maior e a melhor agroindústria de açúcar e de álcool do mundo. Uma agroindústria que gera, em produto final, US\$ 10 bilhões/ano, com 1 milhão de empregos diretos e seqüestro de 20% das emissões de carbono que o setor de combustíveis fósseis emite no Brasil. O Brasil tem, nesse setor, o menor custo de produção do planeta, mas, mesmo assim, ainda se descobre, em cada nova área, resultados que mostram novas virtudes e maior potencial.

A cada safra, tem-se a batalha do mercado “corrompido” pelas medidas protecionistas dos países que, de forma grotesca, acusam o Brasil de “fazedor de baixo custo”. Assim, o que é doce e etílico, torna-se amargo e pesado, criando ciclos viciosos, negativos e desestimuladores. Ou seja, as crises de superprodução ou de baixos preços são um tormento e um desencontro. É bem verdade que esse não é o único setor que sofre as consequências dos motivos citados. Nos últimos 50 anos, as *commodities* agrícolas tiveram perdas reais em seus preços de 2% ao ano! Claramente, em função de excedentes originados pelas proteções dos países ricos, com as terríveis consequências da baixa renda rural, do abandono do campo e das inchadas periferias problemáticas das cidades.

Quais as opções ao Brasil e à cadeia produtiva da cana? Além da boa briga que o país realiza nos foros internacionais, na luta pela queda ou redução dos mecanismos protecionistas, o caminho do Brasil, graças à sua longa e positiva experiência com a produção e ao uso em larga escala do etanol, é a extensão, em nível global, da diversificação da agricultura. Os atuais excedentes da



Vista de canavial; Sertãozinho, SP; novembro 2001

agricultura de alimentos, que trazem transtornos, da China ao Paraguai, se transformariam na agricultura energética, base da fantástica transformação que ocorrerá no século XXI, em função do interesse ambiental e do esgotamento do petróleo.

Há uma longa história que justifica plenamente nosso foco. Desde Otto, na Alemanha do século XVIII, descobriu-se o famoso ciclo de combustão interna para veículos. Encontrado o seu caminho pelas mãos de Henry Ford, com a produção em série dos famosos carros Modelo T (veja quadro ao lado), o álcool que os alimentava, no início do século XX, era, no entanto, de grãos. Ao mesmo tempo, naquele mesmo país, outro sobrenome de peso – Rockefeller – descobria no petróleo as possibilidades da gasolina. Naquele momento, a sombra dos baixos preços do petróleo caiu sobre o álcool combustível norte-americano, com o século XX se tornando um tempo de reinado do petróleo. É interessante comentar que, em uma série de países europeus, asiáticos e latinos, o mesmo ocorreu, entre 1920 e 1950.

Ao se voltar para um período que vai do século XIX ao século XX, alguns aspectos das políticas públicas daquela época saltam aos olhos (Tabela 1).

Pode-se notar o estímulo ao etanol na Europa e nos EUA, no início do século XX. Isso trouxe, provavelmente, inspirações para a terra do Brasil, graças à cana-de-açúcar e ao sucesso conhecido de sua destilação. E com carros, etanol e produção excedente, o Brasil passou a usar o álcool em mistura com a gasolina, desde a 2ª década do século XX. Mas foi

TABELA 1 | ETANOL PARA USO INDUSTRIAL LIVRE DE IMPOSTOS

ANO	PAÍS
1855	Inglaterra
1865	Holanda
1872	França
1879	Alemanha
1906	EUA



Quando desenhava o Modelo T no início da década de 1900, Henry Ford falou em “construir um veículo colocado à família que trabalha e que seja movido por um combustível que poderia alavancar a economia rural”. Em 1930, mais de 2000 postos de combustíveis vendiam “gasohol” (com 6 a 12% de etanol).

TABELA 2 | POLÍTICAS DE MISTURA DO ÁLCOOL NA GASOLINA NO SÉCULO XX

PAÍS	ANO	MISTURA USADA (ETANOL)
EUA	1920	20 a 25%
França	1923	25% (excedentes agrícolas)
Itália	1926	30%
Alemanha	1930	25%
Itália	1931	20%
Hungria	1929	20%
Argentina	1931	30%
Austrália	1930	15% a 35%
Áustria	1931	25%
Brasil	1931	10% a 25%
Letônia	1931	25%
Checoslováquia	1932	20%
Reino Unido	1932	10% + 15% benzeno + 75% gasolina
Iugoslávia	1932	20%

Fonte: O Petróleo, Daniel Yergin

FIGURA 1 | CÍRCULO VIRTUOSO AGROINDUSTRIAL

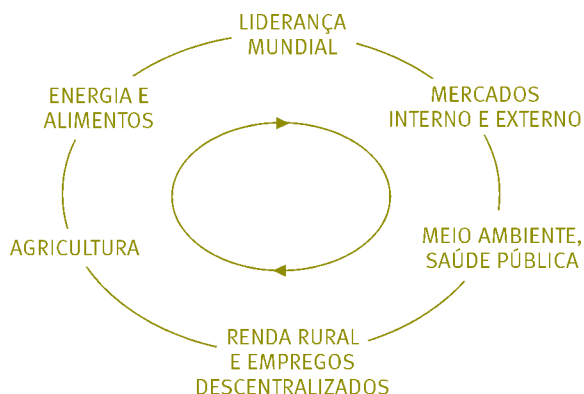
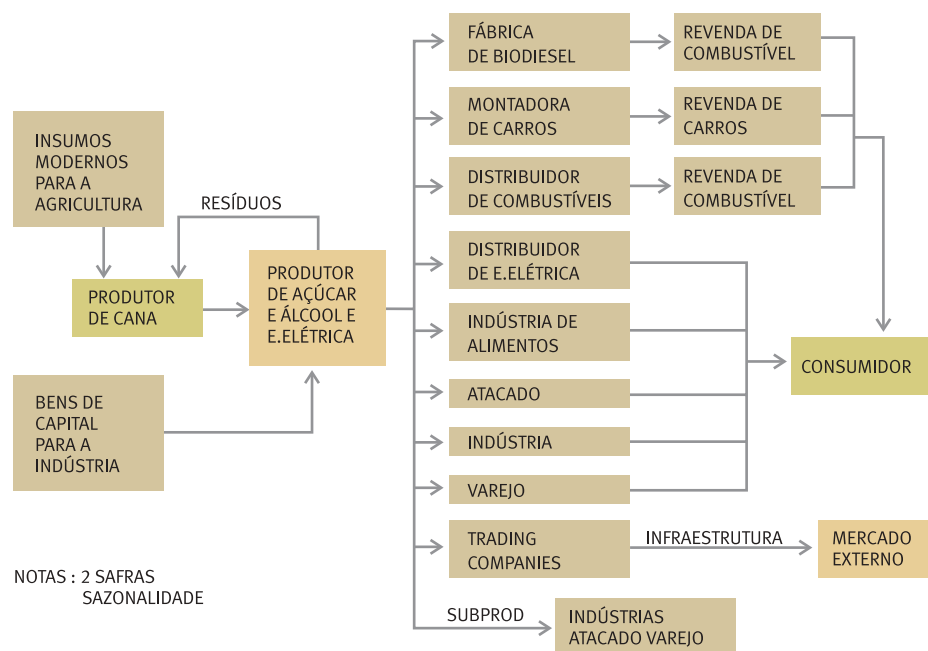


FIGURA 2 | A COMPLEXA CADEIA AGROINDUSTRIAL DA CANA-DE-AÇÚCAR



isso uma criatividade só nossa? Não! Basta ver a relação das políticas de mistura do álcool na gasolina, no início do século XX (Tabela 2).

Ao final da década de 1930, todos, exceto o Brasil, suspenderam o uso do etanol. Por quê? Três foram as principais causas: a instabilidade da oferta de etanol, os preços e a força do petróleo. Ou seja: não fosse a cana competitiva no Brasil, talvez não houvesse hoje um movimento mundial de tamanha intensidade! Mas, o que se aprendeu nessa evolução? Quais os fatores principais que movem os interesses na direção do etanol? É importante, aqui, lembrar o brilhantismo de Barbosa Lima Sobrinho na criação de uma verdadeira lógica de agroindústria, quando da criação do “Estatuto da Lavoura Canavieira” e do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), na década de 1930. Foi o primeiro grande exemplo de atuação de uma cadeia produtiva completa.

Encarar a mudança, com a liderança que o Brasil quer imprimir, requer exemplo próprio, pró-ativo. Assim, à cana de-

vem se juntar as forças dos óleos vegetais, da madeira, enfim, dos complexos agroindustriais todos. Esse “círculo virtuoso”, a substituir o vicioso tão desgastado (Figura 1, na página anterior). O importante, no caso, é a ação conjunta e coordenada de todos os atores que participam das cadeias produtivas. No caso da cana, trata-se de uma estruturação complexa (Figura 2). O modelo instalado no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento é o da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Açúcar e do Alcool.

Na lógica do esquema mostrado nesse artigo, a Câmara atua visando ao constante suporte de todos os agentes da cadeia produtiva. Trabalha focada nas questões-chave que movimentam o setor: a) vantagem competitiva – fatores; b) relações na produção; c) balanços de oferta e demanda; c) infra-estrutura e logística; c) mercado externo – proteção/expansão. Ao governo, no processo, cabe a função fundamental da coordenação e da implementação das políticas públicas para o setor. Ao setor privado, buscar maior ação nos mercados externos

que se abrem aos combustíveis renováveis, tanto no setor de bens de capital, como no dos produtores de etanol.

E qual é o cenário em que acreditamos? 1) O mercado internacional se abrirá, tanto para açúcar, como para o álcool: é uma questão de tempo; 2) no campo de atuação, para abreviar esse tempo ao menor possível, o governo federal atuará de uma forma pró-ativa; 3) no mercado interno, o veículo flexível crescerá em vendas e abrirá espaço de demanda, juntamente com o álcool anidro e outros usos, como matéria-prima para o biodiesel; 4) como ação institucional, vale ressaltar a criação do Pólo Nacional de Biocombustíveis, com sede na USP/ESALQ, como base para uma atuação coordenada nesse campo. Enfim, se o século XX foi caracterizado como o reinado do petróleo, o século XXI será, sem dúvida, o reinado da agroenergia, renovável, ambientalmente limpa, geradora de empregos permanentes, de renda e de riqueza para o Brasil.

* **Roberto Rodrigues** é Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.